

Cidadãos de direito, estrangeiros de fato: narrativas de ítalo-brasileiros(as) na Itália*

Maria Catarina Zanini**
Gláucia de Oliveira Assis***
Luis Fernando Beneduzi****

Maria de Fátima¹ (2011) é uma descendente de imigrantes italianos que há muitos anos vive transitando entre os Estados Unidos, a Itália e sua cidade, Urussanga, em Santa Catarina. Na cidade, juntamente com outras mulheres, participa de um grupo que canta músicas italianas, além de um programa na rádio local – *La voce della Benedetta* –, que tem por objetivo preservar a tradição italiana, conforme anuncia todos os domingos quando vai ao ar, constituindo uma das referências dos processos de construção da italianidade em sua cidade. *La voce della Benedetta* faz referências à italianidade “dos *nonnos*” e também revela as experiências possibilitadas pela emigração contemporânea para os descendentes que buscam, por meio da dupla cidadania, “retornar” à Itália ou emigrar para outros países europeus, num movimento que se iniciou na segunda metade do século XX e se

* Este artigo é uma versão modificada do artigo apresentado no 38º Encontro Anual da Anpocs (Associação Nacional de Pesquisa em Ciências Sociais), em Caxambu (MG), no ano de 2014.

** Professora associada 3 no Departamento de Ciências Sociais da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM). Pós-doutora em Antropologia. E-mail: zanini.ufsm@gmail.com.

*** Professora associada na Universidade do Estado de Santa Catarina (Udesc). Doutora em Ciências Sociais. E-mail: galssis@gmail.com.

**** Professor associado na Università Ca' Foscari Venezia, na Itália. Doutor em História. E-mail: luis.beneduzi@unive.it.

1 Entrevista realizada em Urussanga (SC) em dezembro de 2011. O nome é fictício, assim como os dos demais sujeitos desta pesquisa, aos quais foi garantida a não identificação.

estende ao atual. Maria de Fátima sintetiza esse ir e vir e os vários sentidos vivenciados, negociados e imaginados no tempo presente pela italianidade.

O movimento de Maria de Fátima também mostra outras características importantes desses fluxos contemporâneos: uma maior visibilidade das mulheres migrantes, seus percursos, suas trajetórias, sua agência, bem como o caráter transnacional² desses movimentos. Como outros migrantes contemporâneos, ela e vários dos sujeitos cujas trajetórias serão aqui narradas participam de um movimento migratório que implica múltiplas relações entre a cidade de origem e os vários pontos de destino em termos de trocas econômicas, culturais, simbólicas, virtuais e afetivas, que fazem com que origem e destino dos migrantes se conectem pelas frequentes idas e vindas, pelas remessas e investimentos na cidade, por presentes, artigos e notícias que chegam da Europa, ou pelas páginas da *web* nas quais os migrantes relatam seu cotidiano. O novo caráter desses movimentos migratórios está intrinsecamente ligado ao fato de que tais fluxos ocorrem num mundo cada vez menor, com compressão do espaço pelo tempo como consequência do desenvolvimento dos meios de comunicação e transporte. Dessa forma, as relações entre os que partiram e os que permaneceram, os investimentos na terra natal e os movimentos de mão de obra se processam de maneira mais intensa e complexa, apontando para o contexto transnacional desses novos fluxos.

As migrações contemporâneas expressam a conexão entre o global e o local, criando um campo social transnacional em que circulam imagens, mercadorias, pessoas e desejos que atravessam fronteiras. Segundo Glick-Schiller, Basch e Blanc Szanton (1992), os imigrantes passam a ser chamados de transmigrantes quando desenvolvem e mantêm múltiplas relações – familiares, econômicas, sociais, organizacionais, religiosas e políticas entre a sociedade de emigração e sua terra natal – ou ampliam as fronteiras, colocando em inter-relação o global e o local. Glick-Schiller (1999) destaca, ainda, que migrantes no passado (século XIX e início do século XX) também mantinham práticas políticas transnacionais; no entanto, num mundo em que as distâncias diminuíram devido às melhorias de transporte e comunicação, também diminuíram as distâncias entre as sociedades de origem e destino, criando um complexo campo de relações sociais-transnacionais. Portanto,

2 Ver Glick-Schiller (1992), Glick-Schiller, Basch e Blanc Szanton (1999), Assis (1999, 2011), Campos (2003), Beneduzi (2009), Siqueira (2009).

quando os descendentes partem rumo à Europa, inserem-se nesse fluxo transnacional e continuam a manter múltiplas conexões com a sociedade de destino – contatos por telefone, Skype, Orkut –, idas e vindas que inserem essas pequenas cidades em contato com contextos globais.

O presente artigo busca compreender o movimento de partida das regiões de colonização italiana, especialmente do Rio Grande do Sul, Santa Catarina e Espírito Santo, objetivando perceber as dinâmicas de sua inserção no mundo italiano. Não se pode negligenciar o contexto internacional no qual essas migrações se processam e quais elementos estão presentes em suas dinâmicas, sejam políticas,³ sejam no nível das interações cotidianas (Portes, 2001). Para Patarra (2006), os movimentos migratórios contemporâneos constituem a “contrapartida” da reestruturação territorial em nível mundial e estão atrelados à reestruturação econômica produtiva em escala global. Além desse aspecto, compreendemos que há dinâmicas culturais e políticas que também têm movimentado os fluxos migratórios contemporâneos, em que dimensões macro e microssociais devem ser ampliadas, apontando para os afetos, gênero e sexualidade entre as dinâmicas migratórias. E os ítalo-brasileiros documentados se encontram inseridos nesses fluxos complexos, dinâmicos e polissêmicos.

A possibilidade de “estar aqui... estar lá...” permite ao emigrante contemporâneo cruzar fronteiras nacionais e, ao mesmo tempo, manter suas relações familiares, afetivas, econômicas e culturais com a terra natal, estabelecendo uma complexa rede de relações entre a sociedade de origem e a sociedade de destino (Assis, 1999). Inserem-se nesse cenário as narrativas aqui apresentadas, os processos de reconstrução de italianidades promovidos pelos descendentes que se lançam no ir e vir entre a Europa e o Brasil, participando, nas primeiras décadas do século XXI, de um movimento que se iniciou em meados da década de 1980, quando milhares de brasileiros partiram para os Estados Unidos, o Paraguai, o Japão e a Europa. Esse movimento, que já tinha se esboçado na década de 1960, configurou-se como um fluxo migratório na segunda metade dos anos 1980 (Brzozowski, 2012).⁴

3 Blanc, Glick-Schiller e Szanton (1995); Balibar e Wallerstein (1991); Balibar (2004); Ong (1999); Anderson (2005), Rolph-Trouillot (2001); Zincone (2006), Zincone e Basili (2013); Kearney (1995); Lazzari (1994); Reis (2007), entre outros.

4 Segundo o autor, o Brasil teria sofrido uma perda líquida de 1,8 milhão de pessoas entre os anos 1980 e 1990. Segundo Carvalho (2006), teriam sido cerca de 1,05 milhão de homens e 750 mil mulheres.

Vários estudos sobre a origem, impactos econômicos e sociais na origem e destino foram realizados; contudo, ao longo dos 40 anos da emigração brasileira, os migrantes foram ampliando e modificando sua expectativa temporal, assim como as conexões entre as sociedades de origem e destino; surgiu assim uma nova categoria de emigrantes, os transmigrantes, um dos objetos de estudo desta pesquisa.

Ao longo da pesquisa, que se iniciou em 2011 e teve sua última fase empírica em 2014, foram entrevistados cerca de 50 descendentes de italianos residentes na região do Vêneto na Itália, de idades diversas (de 18 a 60 anos), com trajetórias distintas. Entre os(as) entrevistados(as), estavam trabalhadores migrantes, estudantes intercambistas, estudantes universitários na Itália, professores, pesquisadores, comerciários, donas de casa, entre outros. As entrevistas tinham um cabeçalho geral para identificar idade, sexo, estado civil, religião, se o entrevistado possuía a cidadania reconhecida ou não e se na Itália estava desempenhando atividades relacionadas à sua formação profissional. Em todas as entrevistas foi perguntado se o entrevistado desejava que fosse usado pseudônimo ou seu nome original.

As entrevistas foram transcritas e devolvidas aos entrevistados. Eles puderam, então, suprimir ou acrescentar informações e, depois disso, elas foram utilizadas pela equipe do projeto. Durante todo o processo de pesquisa tomamos todos os cuidados éticos necessários para que as falas fossem preservadas e os entrevistados respeitados em suas individualidades. Durante as entrevistas, procurou-se abrir espaço para os entrevistados falarem de suas trajetórias particulares e de como o processo migratório havia impactado seus processos de identificação pessoais, nacionais, étnicos e de gênero. Conforme destaca Alistair Thomson (2002), os testemunhos orais e outras formas de história de vida revelam a complexidade do real no processo migratório. Para o autor, “[...] o testemunho pessoal revela o complexo entrelaçamento de fatores e influências que contribuem para a migração e para os processos de troca de informações e negociação no interior das famílias e das redes sociais” (Thomson, 2002, p. 345).

Partindo dessa perspectiva de Thomson, as narrativas orais apresentadas neste artigo reconstróem um processo recente de movimento de brasileiros rumo ao exterior e contribuem para evidenciar suas experiências e ampliar a compreensão desse ir e vir. A história de Maria de Fátima, assim como as outras que serão apresentadas neste artigo, faz parte de projetos de pesquisa

desenvolvidos entre 2012 e 2014,⁵ os quais procuraram as trajetórias desses descendentes rumo à Europa, seja daqueles que migram para buscar a cidadania, seja daqueles que migraram já com a documentação para tentar a vida no estrangeiro. Os duplos cidadãos, os ítalo-brasileiros documentados, são classificados pelo Estado italiano enquanto italianos residentes *all'estero* (no exterior) – IRE. Esses indivíduos, uma vez tendo a cidadania legalmente reconhecida, podem usufruir dos benefícios da condição de membros da comunidade europeia. O objetivo deste artigo é analisar narrativas de alguns desses descendentes, suas experiências migratórias, os processos de aquisição das duplas cidadanias, o cotidiano como duplo cidadão, os contatos com a sociedade italiana e suas experiências de inclusão ou de preconceito/discriminação nos processos interativos. O duplo cidadão ítalo-brasileiro, ao ingressar nesse contexto complexo, sofre, além das tensões inerentes ao processo migratório, as pressões decorrentes das hierarquias e distinções ali em jogo.

Os descendentes de imigrantes partindo para a Itália

O Brasil, notadamente as regiões Sul e Sudeste, recebeu, no final do século XIX e início do século XX, milhares de imigrantes de diversas origens nacionais, dentre eles um fluxo significativo de imigrantes italianos (Zanini, 2006). Na década de 1980, o fluxo de emigrantes brasileiros inicialmente se direcionou sobretudo para os Estados Unidos. A partir de meados da década de 1990, mas principalmente nos primeiros anos do século XXI, passou a se direcionar mais expressivamente para a Europa, especialmente Portugal, Espanha e Itália. Nesse contexto, há um movimento significativo de “retorno” dos descendentes dos imigrantes que vieram para o Brasil no final do século XIX rumo à região do Vêneto.

Assim, no caso brasileiro, o movimento contemporâneo de partidas é marcado, em alguns casos, por uma espécie de retorno – não aquele físico do imigrante que volta para casa – mas do descendente que se dirige para a terra

5 Agradecemos ao CNPq pelo financiamento dos projetos de pesquisa que resultaram neste artigo: *De volta às raízes*, coordenado por Luis Fernando Beneduzi, e *Os pequenos pontos de partida: das colônias de imigração do sul do Brasil rumo à Itália nesse início de século XXI*, coordenado por Gláucia de Oliveira Assis. E também do projeto *Os ítalo-brasileiros, suas legislações, especificidades e usos sociais da dupla cidadania*, coordenado por Maria Catarina Zanini.

de seus ancestrais. Esse retorno pode ser compreendido naquilo que Sayad (2000, p. 14) denomina de “dor compartilhada” no tempo e no espaço.⁶ Tendo sido um dos destinos mais importantes do período da imigração de massa (entre os séculos XIX e XX), o Brasil recebeu uma grande quantidade de imigrantes europeus e asiáticos, os quais buscavam realizar o seu projeto migratório. No presente, observa-se o avançar de uma memória da imigração triunfante, que significou ascensão social e econômica dos descendentes de italianos, alemães, espanhóis, portugueses e japoneses. No entanto, essa memória da vitória acaba encobrindo outra, talvez dolorosa, dos projetos falidos, da imigração que não deu certo e do imigrante que não encontrou – na nova terra – a sua terra da *cuccagna*. Muitos desses descendentes – alguns crescidos em zonas de forte influência de uma cultura étnica vinculada à terra de proveniência dos ancestrais – acabam escolhendo (com ou sem dupla cidadania) aquela que é popularmente chamada de estrada de retorno ou volta às raízes, projetando para o futuro e para a velha/nova terra a realização de um projeto de vida pessoal e familiar.

A experiência migratória dos descendentes de italianos residentes no Brasil nasce de um projeto de melhoria das condições de vida, quer em um sentido psicoafetivo, quer em um sentido socioeconômico: a decisão de partir está vinculada a uma busca de mobilidade social, escolhas afetivo-amorosas ou desejo de adquirir experiência de vida e também de desvendar, de um ponto de vista intersubjetivo, as pequenas histórias de si mesmos. Para esses emigrantes a terra de chegada é sempre construída como uma terra de oportunidades e de novas experiências (Featherstone, 1995), um lugar mágico, um espaço no qual conseguirá realizar todos os sonhos construídos na terra de partida, ou encontrar o mundo encantado das narrativas dos antepassados.

Tanto nas dinâmicas migratórias do século XIX quanto naquelas presentes na contemporaneidade, mulheres e homens, quando partem, imaginam que arrolaram todas as informações necessárias sobre o país para o qual decidiram partir, deixando a terra de nascimento com uma mala carregada de saudades, mas, também, de esperanças. O contato com a nova realidade vai provocar um processo de transposição/confrontos/redefinições entre a

6 Como ressalta Sayad (2000, p.20): “Porém, ilusoriamente, e por uma ilusão que é coletivamente sustentada por todos os parceiros envolvidos, os emigrantes-imigrantes em especial, seu grupo de origem ou sua sociedade, a sociedade de sua imigração, (*illusio collusio*), o imigrante está aqui e está lá, está presente e ausente”.

imagem construída *a priori* e aquela reelaborada a partir das experiências cotidianas na nova terra.

Os estados do Rio Grande do Sul e Santa Catarina, que receberam uma relevante quantidade de imigrantes europeus – maiormente italianos e alemães – entre a segunda metade do século XIX e a primeira do século XX, têm vivido de uma maneira diferente o processo de emigração que se observa no Brasil contemporâneo. Nesse sentido, o caso italiano é único, pois não somente apresenta uma ideia de cidadania marcada pelo *jus sanguinis*, elemento que caracteriza muitos Estados europeus, como a Alemanha ou a Espanha, mas, também, não impõe uma delimitação geracional para o reconhecimento da cidadania. Dessa forma, todo descendente de italiano (por via materna a partir de 1948) é um cidadão em potencial, devendo comprovar o vínculo direto de sangue para obter o reconhecimento de tal direito.

Esse processo, contudo, envolve uma série de complexidades que podem ser apontadas como problemas nas interações sociais pelo não domínio das regras do mundo italiano, como também pelo não reconhecimento de sua ancestralidade documentada. Essas interações devem ser observadas tanto nos processos face a face como naqueles que envolvem o Estado italiano e seus aparelhos burocráticos. Uma das maiores complexidades observadas por meio da pesquisa de campo é o fato de que, enquanto os descendentes de italianos estão no Brasil, sentem-se italianos, e ao ingressar no mundo italiano do século XXI, percebem que são, de fato, brasileiros, seja pelo autorreconhecimento, seja pelo reconhecimento dos italianos nascidos na Itália. Além disso, o não domínio da língua ou o *accento* (sotaque) brasileiro servem como denunciadores das origens distintas. Embora do ponto de vista fenotípico se assemelhem aos italianos nativos, quando interagem verbalmente ou mesmo gestualmente, há uma denúncia da procedência não italiana. Essas situações foram relatadas em várias entrevistas, fazendo com que alguns ítalo-brasileiros se empenhassem no domínio de algum dialeto mais localizado para assim “disfarçar” sua procedência.

Outra questão importante, quando falamos em reconhecimento da cidadania, é o mergulho no passado familiar que se faz necessário para poder dar entrada nesse tipo de solicitação. Como a demonstração de ascendência italiana, mediante certificados de nascimento, casamento e óbito de todos os antepassados, até o imigrante proveniente da Itália, é uma das condições obrigatórias para tentar conquistar o passaporte peninsular, o processo de recuperação desses documentos se transforma em uma dinâmica de recuperação da

trajetória familiar desde a partida do vilarejo italiano. Durante esse percurso mnemônico, sendo imprescindível encontrar o documento de nascimento do imigrante, o qual se encontra na sua terra de partida, aquele que busca ver sua cidadania reconhecida acaba – através de contato com parentes e certidões – recuperando uma memória familiar às vezes adormecida. Portanto, essa situação constrói ou reforça, em muitos casos, os laços até então ignorados, que terminam por assumir um espaço importante na vida desse novo imigrante do século XXI. Nesse processo, há também investimento financeiro e de tempo. Além disso, o trâmite legal nos consulados italianos no Brasil tem levado de cinco a 20 anos, dependendo do estado, o que implica que o projeto migratório seja de longo prazo e pensado para mais de uma geração.

A partir dos anos 1980, por meio de convênios com algumas regiões da Itália, os netos e bisnetos dos imigrantes do século XIX partiram para a Itália a fim de reencontrar seus parentes, da mesma forma que italianos vieram conhecer um pedacinho da Itália no Brasil. Partindo desses intercâmbios, as cidades do sul do estado de Santa Catarina, Urussanga, Araranguá, Nova Veneza, Cocal do Sul, Rio Jordão e Criciúma, passaram por um processo de reconstrução das tradições italianas, revalorizando os brasões de família, a língua e as comidas típicas, num processo de reconstrução de italianidade que marcou as várias regiões de colonização italiana no país. O mesmo ocorreu nas zonas de colonização italiana no Rio Grande do Sul, movidas pelo *revival* que se iniciou após os festejos de comemoração do centenário da imigração italiana, no ano de 1975, quando começou a produção literária mais ampla, bem como um discurso mais positivado da origem italiana. No Espírito Santo, campo de pesquisa de Beneduzi (2009), também se observou essa dinâmica, contudo um pouco mais tardiamente. Para esses descendentes, a dupla cidadania seria a porta de entrada para o mercado de trabalho na comunidade europeia, uma vez que, por meio de convênios com algumas cidades na Itália, os italo-brasileiros conseguem contratos de trabalho temporário durante o verão europeu na Itália e na Alemanha e, assim, passam de seis a oito meses na Europa e retornam para o Brasil.

Esses trabalhadores temporários são reconhecidos pelos consulados italianos e, pelo fato de possuírem o passaporte italiano, poderiam trabalhar sem problemas na Itália, o que, de fato, segundo nossa pesquisa, não é tão simples assim. Em um contexto de revalorização da identidade italiana, nesse encontro de culturas, os emigrantes temporários surpreendem-se quando chegam à Itália e são reconhecidos como brasileiros/estrangeiros. Esse é um primeiro

choque, pois se encontram com aqueles que julgam serem seus patrícios, mas são distinguidos do grupo, não sendo reconhecidos como italianos, e sim como extracomunitários. Por isso, os imigrantes se sentem objeto de “certo preconceito”. Muitas vezes, o trabalho é pesado e mal remunerado. Além disso, a questão linguística é um grande obstáculo, para muitos.

Colabora com essa percepção de uma continuidade cultural o renascimento de um sentimento de pertença étnica que tem vivido um grande crescimento nas zonas de imigração italiana do interior dos estados do Rio Grande do Sul, Santa Catarina e Espírito Santo. A retomada de antigas dinâmicas de sociabilidade, a elaboração de roteiros que prometem um retorno ao passado imigratório, as festas que exaltam a positividade étnica dos ítalo-brasileiros, tudo se soma na construção de uma ponte que vincula o passado imigratório ao presente do descendente, criando, em inúmeros casos, uma presentificação de sensações, sentimentos e experiências. Observa-se uma apropriação da epopeia imigratória por parte do descendente, o qual assume como familiares as ações dos ancestrais: “quando nós viemos da Itália”.

O presente artigo é pensado no bojo desse processo maior, buscando perceber as dinâmicas de integração e a ressemantização da imagem da terra dos ancestrais que mobilizam descendentes de italianos que decidem – na contemporaneidade – viver na Itália. No confronto entre a expectativa construída no projeto imigratório e a experiência vivida na terra de chegada, pode-se perguntar quais leituras esses homens e mulheres fazem da sua condição de descendentes de imigrantes na Itália que partem se sentindo “italianos” e que, mesmo com a cidadania, sentem-se estrangeiros nessa terra.

Cidadania de direito, estranhamento de fato

Após todo o investimento que muitas famílias de descendentes de italianos brasileiros fazem para obter o reconhecimento da dupla cidadania, que implica a comprovação documentada de toda a ascendência italiana, o que ocorre é que muitas expectativas de contato são frustradas. O reconhecimento da ancestralidade que se processa não se manifesta nas interações sociais cotidianas. Falantes de um italiano que muitas vezes não é visto como culto ou como “correto” e não dominando as etiquetas sociais da Itália contemporânea, esses indivíduos acabam sendo tratados como imigrantes

comuns, como estrangeiros. Eles são *outsiders* (Elias; Scotson, 2000)⁷ continuamente. Por mais que procurem conhecer e se socializar no novo mundo italiano do século XXI, os processos interativos acabam por estigmatizá-los. Nas hierarquias sociais do mundo italiano eles são postos como estrangeiros, extracomunitários ou simplesmente são observados como migrantes.

Essa estigmatização extrapola questões de classe ou de *status*, como nos aponta um descendente com alto capital científico que já no começo de sua trajetória na Itália entrou para o serviço público. Assim narra Lucio:

Humm, em geral sim, é claro que desde o começo deu pra identificar pessoas que não eram contentes com a minha presença aqui, especialmente quando se falava de conquistar um emprego público, né? Um emprego permanente, porque existe muita competição e quando chega alguém de fora pra fazer competição contigo que nasceu aqui, estudou aqui, que acha que tem direito de ter emprego aqui. Essas pessoas não gostaram, portanto, obviamente muda muito de pessoa a pessoa e de situação para situação, mas é claro que tinha algumas pessoas que não gostaram da minha presença e continuam não gostando. (Lucio, 2012).

Segundo outro descendente, Leonardo, também já em cargo estável, o ítalo-brasileiro deve aprender a se colocar, em especial na forma das interações face a face:

Agora, isso foi uma coisa também que eu aprendi dentro da realidade italiana, independentemente da imigração, ou seja, [...] funciona muito falar grosso [...]. Se te tratam de uma determinada forma, responder no mesmo tom. Tu acabas sendo compreendido de uma outra maneira, ou seja, te compreendem melhor. [...] quanto mais submisso tu fores, mais tu vais ser... submetido. (Leonardo, 2013).

O processo socializador ao qual o ítalo-brasileiro deve se integrar vai desde aprendizados acerca dos modos de vestir, de falar, a todo um *habitus* e uma *hexis* (Bourdieu, 1998) que deve ser constantemente vigiada, exercitada e disciplinada. O corpo é alvo de constantes policiamentos, uma vez que há

7 Para Elias e Scotson (2000), o *outsider* é sempre convidado a se colocar em seu lugar nas configurações sociais, seja por meio das evitações, seja por meio das interações estigmatizantes.

muitas situações, especialmente para as descendentes, em que a “mulher brasileira” aparece como categoria dominante nas interações, conforme a narrativa de Carla:

Porque, de repente, a gente que é brasileiro, talvez, é... Te dou um exemplo, talvez seja mais fácil: quando tu vais em locais brasileiros, tu vês como os brasileiros se vestem e como os italianos se vestem. No período do inverno... de neve... as brasileiras geralmente vão com a barriga de fora, com uma sandália... com isso que aqui... jamais se vê esse tipo de coisa e é normal que chame a atenção das pessoas... feito a posta, ou não... Se uma faz justamente pra chamar a atenção ou não, eu não sei... mas é a mesma coisa, é... tu tem que tentar te adequar, mas isso... adequar... de alguma maneira... Eu não falo nas pessoas muçulmanas, que de repente usam vestidos longos, tudo, porque faz parte de uma cultura dele... vestir dessa maneira, e eu acho que tirar esse tipo de cultura é... é uma coisa inútil... Mas eu falo mais de nós, de aprender... a tentar se vestir um pouco mais decentemente porque... a tendência de muitos brasileiros. E eu tenho visto... agora trabalhando em *shoppings* daqui pra... daqui, é... em Bassano, em Padova, em Veneza... de pessoas que, que... se vestem... com... *microgona*, microssaia, não míni... porque é uma coisa... que tu vê de cara, é... eu vejo de cara quem são os brasileiros... na maneira como se vestem, mas não é uma discriminação minha... (Carla, 2012).

Uma das características do fluxo de brasileiros para a Itália indicada por Bogus e Bassanezi (1998) foi uma significativa inserção de mulheres. Analisando a intensificação do fluxo de brasileiros rumo à Itália, as autoras destacavam uma imagem muito divulgada na imprensa no final da década de 1990 – a associação do trânsito de mulheres com a prostituição e a presença de travestis na Itália. Segundo as autoras, ao contrário do que a imprensa destacava, nem só de travestis e prostituição se mantém esse fluxo migratório. Segundo elas, desde os anos 1980 há uma maior visibilidade do movimento de emigrantes brasileiros para a Itália. Destacam, ainda, o número de mulheres brasileiras que compõem essa comunidade, pois elas representariam aproximadamente 70% do conjunto dos brasileiros entre 20 e 39 anos. Analisando esse movimento, as autoras colocam como uma hipótese que essa migração estaria relacionada a uma contracorrente migratória de *oriundi* em direção a locais onde possivelmente ainda residam parentes e/ou amigos e onde haja

possibilidade da formação de uma rede de apoio que auxilie na inserção e permanência.

A dupla cidadania tem efetivamente aberto um mercado de trabalho para mulheres que se inserem nas redes de assistência e cuidado. Assis (2011b), ao analisar o fluxo de criciumenses rumo aos Estados Unidos e Europa, também demonstra, a partir dos anúncios que saíram no jornal da cidade de Criciúma, a configuração de um mercado de trabalho direcionado para mulheres, quando os anúncios pediam jovens descendentes com dupla cidadania para trabalho na Itália. Beneduzi (2009) também analisa a trajetórias de mulheres que escolheram a Itália como destino migratório, nesse caso, mulheres de classe média.

No caso das mulheres brasileiras, há uma representação que produz uma associação entre gênero e nacionalidade, ocorrendo uma sexualização da mulher brasileira que relaciona suas “características” (sensualidade, alegria, simpatia) com a inserção no mercado do sexo, o que gera discriminação em relação às imigrantes (Assis, 2011a).

Em Portugal e na Itália, países nos quais ocorreu um incremento da migração de brasileiras na primeira década dos anos 2000, essa imagem foi reiterada nos jornais e na mídia e comentada em várias das entrevistas realizadas no trabalho de campo. Tanto no caso das estudantes entrevistadas quanto no caso das mulheres inseridas no mercado de trabalho, as narrativas apontavam para certa imagem de mulher brasileira da qual as entrevistadas queriam se distanciar – distância que procuravam marcar nos seus relacionamentos com italianos. Buscavam, de certa forma, se distinguir das imagens associadas ao mercado do sexo e à prostituição, ou da ideia de que as brasileiras eram mulheres fáceis e sempre disponíveis. A palavra às vezes nem era pronunciada nas entrevistas, quando perguntávamos sobre a imagem da mulher brasileira muitas diziam: “aquela, sabe qual é”. No entanto, a despeito dessas representações, encontramos algumas mulheres envolvidas com italianos que acionavam outros atributos de gênero relacionados às brasileiras semelhantes ao observado por Assis (2012) em relação às brasileiras nos Estados Unidos.

Segundo Assis (2012), na Europa, tendo Portugal como um exemplo desse processo, há uma representação sobre a mulher brasileira que associa gênero e nacionalidade, produzindo uma sexualização que gera discriminação em relação às imigrantes brasileiras (Padilla, 2007; Togni, 2011). No caso das imigrantes brasileiras nos EUA, tais categorizações que articulam gênero e sensualidade não produzem os mesmos efeitos. A imagem de sensualidade

se agrega às representações de mulher carinhosa, de boa esposa e mãe, o que confere certa vantagem às mulheres no mercado matrimonial, em comparação aos homens brasileiros, que não são representados como bons parceiros, pois são vistos como machistas, autoritários, pouco dispostos a dividir tarefas domésticas, representando modelos de masculinidade pouco valorizados no contexto da migração.

Como se pode observar nas narrativas que apresentaremos a seguir, assim como as mulheres entrevistadas nos Estados Unidos, as mulheres brasileiras que se casaram com italianos renegociaram essas posições, acentuando os atributos de boa esposa e mãe, e passaram a diferenciar positivamente as masculinidades do homem italiano em relação ao brasileiro. Essas mulheres não construíram suas relações afetivas a partir do mercado do sexo (Piscitelli, 2012) ou dos circuitos de turismo sexual no Brasil, conheceram seus maridos através de situações de trabalho ou apresentadas por redes de amigos comuns.

A história de Ana é uma das que nos ajudam a pensar sobre essa negociação. Embora ela não seja descendente de italianos, possui a dupla cidadania. Ana tem 41 anos e conheceu Carlos há quinze, quando trabalhava numa empresa metalúrgica no Brasil. Quanto perguntada sobre como veio para a Itália, assim respondeu: “Foi amor, foi por amor”. Em 1998 ela conheceu Carlos no trabalho, ele não falava português e ela não falava italiano. Eles começaram a namorar, ele retornou para a Itália no início de 1999 e voltou ao Brasil antes do prazo combinado, que seria no final do ano, pois não aguentou de saudades. O pai de Ana e a sua família o conheceram e ela ganhou uma passagem para a Itália, para conhecer a família do namorado. Viajou para a Itália no mesmo ano e ficou, não voltando a morar no Brasil. Casou-se primeiro na Itália, para regularizar sua situação, depois retornou e casou-se no Brasil.

Conforme a narrativa de Ana: “É, outubro a gente casou e... aí aqui nos casamos no civil e no Brasil, em janeiro, nós fizemos o religioso. No Brasil em janeiro... porque meu pai e ele... para ele era importante né, aí nós fizemos no Brasil o religioso” (Ana, 2014). Conforme a narrativa de Ana, ela se adaptou rapidamente à nova vida, pois foi muito bem acolhida pela família do marido. Em sua narrativa, não aparecem tensões ou discriminação pelo fato de ser brasileira. Muito pelo contrário, diz que o fato de ser muito alegre e comunicativa a aproxima dos vizinhos na pequena cidade onde mora. Passou por dificuldades, pois morou um tempo na casa dos sogros antes de construir junto com o marido sua confortável casa. Mas disse que seu relacionamento

é muito bom com a família do marido. Ela aprendeu o italiano e se ocupa da casa e dos dois filhos, que também falam e leem português.

A narrativa de Ana é interessante, pois apresenta algo em comum com outras narrativas de mulheres que se casaram com estrangeiros. Ana trabalhava no Brasil, era uma mulher que tinha seus próprios rendimentos, estudava. Quando migrou, deixou o trabalho e a profissão, não concluiu o curso superior e hoje em dia não trabalha fora, pois considera que o que ganharia não seria suficiente, pois teria que pagar alguém para cuidar dos filhos. Sua narrativa é interessante pois revela que a migração pode não significar necessariamente um processo de maior autonomização da mulher, como indicam muitos estudos de migração feminina. Ana não trabalha fora, cuida da família, marido e filhos, tem pouca inserção no espaço público, participa de atividades na escola dos filhos e encontra as amigas. Portanto, sua vida cotidiana está muito centrada no mundo doméstico/privado. Ana está casada há 15 anos e na sua narrativa se considera feliz com a imagem de boa esposa e mãe construída na relação com o marido e os filhos. Ao mesmo tempo, para atenuar essa autoimagem restrita ao âmbito doméstico, faz questão de dizer que tem uma faxineira para ajudá-la no serviço da casa e que as decisões do casal sobre coisas a comprar, por exemplo, são compartilhadas. Para ajudar a “matar as saudades” que sentia do Brasil e da família, acabou levando uma prima e ajudando-a a arrumar um namorado italiano também. A prima acabou igualmente migrando para a Itália numa rede constituída a partir de afetos.

Giulia (2014), hoje com 37 anos, foi à Itália pela primeira vez em 2008, para visitar a prima. Segundo ela, a sua migração “Foi culpa da Ana [risos] e do Carlos, marido dela”. Em sua primeira estada na Itália, ficou por três meses na casa dos dois. O casal a apresentou a vários amigos, esperando que ela encontrasse alguém, mas “não deu certo”, segundo sua narrativa.

Em 2010, Giulia começou a conversar com uma amigo de Ana e Carlos por Skype.⁸ Depois de alguns meses de conversa, Marcelo veio para o Brasil para conhecê-la pessoalmente e os dois começaram a namorar. No final do ano de 2010, Giulia foi passar o Natal na casa da prima e os dois decidiram morar juntos. Ela trabalhava numa empresa de comunicação e deixou o trabalho para migrar. Mora com Marcelo desde 2010, tem visto de estudante, que

8 Aplicativo de comunicação *online*.

garante sua permanência, mas pretende se casar. Quando perguntada sobre as imagens das brasileiras, Giulia, mais claramente do que Ana, refere a sua distinção em relação ao imaginário sobre a mulher brasileira, diz que nunca usou roupas justas e decotadas e também é um tipo mais discreto, o que faz com que não seja identificada como brasileira. É interessante observar que embora Ana ressalte que é simpática com as pessoas e bastante sorridente e Giulia afirme se dar bem com seus vizinhos, que não a discriminam por ser brasileira, ambas procuram se distanciar do estereótipo de mulher brasileira sensual e reforçam atributos de gênero que enfatizam a mulher carinhosa, boa mãe e esposa, com pouco espaço para agência e autonomia feminina.

As trajetórias analisadas não resumem as experiências de todas as mulheres entrevistadas, mas podem lançar luz sobre como as mulheres que migram por amor negociam suas posições de gênero, seus afetos, para garantir um lugar nas famílias italianas. Nessas famílias, o que se observou foi que as marcas de sexualização e exotização são apagadas, e reforçadas as imagens de boa mãe e esposa, fugindo dos estereótipos negativos sobre as mulheres brasileiras na Itália.

Um dos pontos mais angustiantes por nós observados nas entrevistas em geral, seja entre homens, seja entre mulheres, é a questão da identidade não reconhecida. O reconhecimento, como aponta Cardoso de Oliveira (2006), é algo que envolve múltiplas dimensões, entre elas a jurídica, a moral e a do léxico. Ou seja, mesmo que do ponto de vista jurídico haja o reconhecimento dos duplos cidadãos como sujeitos de direito, do ponto de vista moral ou do reconhecimento da igualdade de oportunidades, as interações não se processam dessa forma, gerando o que se pode denominar de “ferimentos morais”.⁹ Assim, por mais que se esforcem para se integrar ao mundo italiano, essas contradições e percepções permitirão que sejam feridos moralmente em função da bagagem cultural trazida do Brasil, que não é reconhecida como legítima e/ou positiva. Pela forma de vestir, de comer, de falar, em algum momento as diferenças são postas em evidência. A denúncia acerca da diversidade não reconhecida é algo que provoca muitos ressentimentos por parte

9 Para Cardoso de Oliveira (2006, p. 34): “O desprezo e o desrespeito são desses fatos que se configuram como nítidos ‘ferimentos morais’. E as pessoas envolvidas em situações assim configuradas sempre poderão discernir daquilo que poderia ser um simples acidente, como uma coerção não produzida para ferir, do que seria uma agressão intencionada, percebida esta última como verdadeira ofensa moral e, por conseguinte, como uma negação de reconhecimento”.

dos descendentes (e também dos não descendentes), pois, de seu ponto de vista, são iguais (aos nativos) e deveriam ser tratados dessa forma.

Entre integração e estranhamento:

“sendo uma imigrante, mas se sentindo em casa”

No processo de integração dos ítalo-brasileiros na península itálica, diferentes são as experiências e percepções que vão sendo construídas, e apresentam um vínculo muito forte com a vivência do “ser italiano” e com as expectativas do que se vai encontrar no além-mar. Certamente o peso e impacto da viagem vão estar relacionados com as expectativas que os descendentes levam consigo nesta descoberta do passado pessoal e familiar.

O subtítulo que abre a discussão neste artigo é emblemático para pensar certo perfil de imigrantes em sua experiência de “retorno a casa”. Esse fragmento de um trecho da entrevista feita a Paola, que será apresentada logo adiante, reflete o hibridismo do processo migratório de descendentes de italianos que decidem viajar (no caso dela se observa uma imagem mítica de retorno) para a terra de proveniência de seus antepassados. A identidade híbrida que constitui parte da formação deles enquanto sujeitos apresenta a cisão entre se sentir parte de uma comunidade de proveniência (brasileira) e, ao mesmo tempo, daquela da história familiar (italiana ou, no caso específico, trentina). A questão central que norteará esta parte do texto é tentar perceber, dentro da história de vida dos ítalo-brasileiros, o que significa “ser imigrante” e o que quer dizer “sentir-se em casa”.

Pode-se iniciar este processo de análise conhecendo um pouco dos dois personagens centrais deste processo de leitura: Paola e Mateus. Ambos são descendentes de trentinos, nascidos no Brasil, e, quando da entrevista, residiam e estudavam em Trento. No caso da primeira, a chegada a Trento estava vinculada à bolsa oferecida pela província autônoma de Trento para os descendentes de trentinos espalhados pelo mundo. Outro elemento comum é que os dois entrevistados viviam – quando do trabalho etnográfico – na residência estudantil da instituição de ensino superior na qual estavam matriculados.

Paola chegou a Trento no ano de 2010, depois de um processo de preparação que durou mais de seis anos: já em 2003 ela começou a construir a sua partida e acalentar o desejo de conhecer as terras de seus antepassados. Na verdade, desde aquela época tinha ficado claro para Paola que ela iria morar

na “sua Itália”, e o seu projeto de vida até a partida, em 2010, esteve vinculado a esse sentimento. Os cursos e contatos que foi realizando naquele período eram destinados e direcionados para construir o seu deslocamento, seja no sentido de formação pessoal, seja naquele de estruturar economicamente a iniciativa.

A entrevistada cresceu fora da zona de imigração italiana no estado de Santa Catarina, tendo vivido sua infância em uma zona do Paraná ocupada por outros grupos de imigrantes. No entanto, nos períodos de festividades e férias retornava à cidade de seu pai, onde viviam os tios e avôs paternos e ali vivia a sua *little Italy*. Como relembra em sua narrativa, era nesses momentos que ouvia o avô falando da Trento dos antepassados, escutava o dialeto trentino, via as partidas de cartas e experimentava a culinária “italiana”. Esses são os sentidos – olfato, paladar, audição – que construiriam a sua ideia de trentinidade e que orientariam a sua viagem a Trento, na busca daquele espaço geográfico imaginário, desenhado nas narrativas de seu avô, o qual para ela tinha se constituído em um lugar mágico da infância.

Já em 2003, quando tomou a decisão de partir e deu entrada nos documentos para o reconhecimento de sua cidadania italiana, começou a organizar essa viagem física, mas também interior, em direção à terra de partida de seu bisavô. Nesse sentido, ela começou a aproveitar todas as oportunidades que pudessem criar um vínculo com a Itália e colaborar nesse processo de aproximação ao mundo dos antepassados. Para tal fim, inscreveu-se, naquele ano, em um curso de Mecânica Polivalente, oferecido pela província de Belluno, direcionado a descendentes de italianos. Paola não tinha nenhum interesse específico pelo conteúdo do curso – suas escolhas de estudos estavam vinculadas às humanidades; no entanto, em sua lógica de retorno, ela não poderia perder a oportunidade oferecida pelo governo da Itália, a possibilidade de iniciar uma dinâmica de aproximação ao seu objeto de desejo:

Olha, não me interessa, eu não sabia nem o que era, mas eu disse: ‘poxa, o governo da Itália está financiando para descendentes de italianos no geral’, aí eu fui lá, tinha seleção, porque eram 20 vagas, eu me esforcei, fui lá, consegui, passei em primeiro na seleção [...], alguns professores que foram lá dar duas, três aulas assim... até de italiano mesmo, porque a gente teve um pequeno curso de 60, 70 horas de língua italiana, e acho que aquilo ali selou mesmo a minha vontade, vamos dizer, ‘não, é por aqui mesmo, eu

tenho que fazer alguma coisa, mesmo não tendo na época decidido qual faculdade (Paola, 2012).

O curso vai reforçar a imagem que Paola tinha da sua Itália e confirmou esse desejo de partir em busca do “mundo encantado” de seus antepassados, aquele das histórias do avô. Marca muito positivamente a sua percepção sobre a península itálica o fato de o governo italiano oferecer um curso de formação para os descendentes de seus emigrantes. Essa ação da política peninsular com relação aos “netos” da pátria propicia o contato com a língua italiana e com pessoas que Paola identifica como “italianos da Itália”. Ou seja, desde o início ela – mesmo que não conscientemente – está se colocando em uma categoria híbrida, pois não é uma italiana da península, mas outro grupo, hifenizado, que construiu uma cultura vinculada àquela da terra de Dante e Boccaccio.

Com relação a Mateus, dá-se outro processo de contato com essa terra dos antepassados. Mesmo tendo nascido em uma zona de imigração italiana no estado do Espírito Santo, fruto de migrações internas da região de primeira ocupação da comunidade imigrante, o seu vínculo com uma italianidade (ou trentinidade, considerando que seus antepassados também provêm da província de Trento) não nasce nas dinâmicas familiares ou nas experiências do vivido da infância. Na realidade, em um primeiro momento, ele inclusive não vê com bons olhos o fato de as pessoas deixarem sua terra para ir viver em outros países. Somente quando toma conhecimento da possibilidade “oferecida” pela Itália de reconhecimento da cidadania dos descendentes dos imigrantes, nascidos no exterior, é que começa a pensar na questão migratória e em uma eventual raiz familiar.

No momento em que a questão cidadania se coloca, uma nova percepção da história e da memória familiar começa a ser considerada. Inclusive, nesse momento, aquelas narrativas do avô – que passa a ser o *nonno* – adquirem um novo *status*, deixam ser aquilo que o entrevistado chama de “mitos” e passam a ser uma realidade. As coisas que o avô contava passam a ser revisitadas por processos mnemônicos e apresentam uma nova coloração, agora compõem um quadro vinculado à realidade: aquele lugar existe, aquele processo concretamente existiu e é parte da minha trajetória. Essa nova consciência muda a forma de pensar de Mateus e impulsiona o direcionamento de seu recente projeto imigratório. No ano de 2007, o emigrante capixaba toma a decisão de partir, porque se aquele mundo ex-mítico existe de fato, ele o quer conhecer:

Depois que eu soube do fato da possibilidade da cidadania italiana, que representava uma facilidade nesse sentido, e também depois, e tendo corrido atrás mesmo, enfim, da documentação, pra adquiri-la, foi onde eu tive o contato com... aliás foi, é onde que você descobre, de fato, se reconstrói a... essa origem familiar, e tal. Então, aonde você vai, consegue individualizar, que não só o país é a Itália, como é contado toda essa retórica contada pelos avôs, pelo *nonno*, eh... então eu pude reconstruir, eh... identificar que a família de fato vinha da província de Trento, que era, enfim, essa cidade, o lugarzinho de onde vieram e tudo, e... claro, tendo tomado conhecimento disso, eh... eu pensei então uma vez em vir, em tentar, pra justamente, pra conhecer, porque cria-se então em torno a isso não somente aquilo que o *nonno* conta 'ah, porque a Itália, e tal', então fica assim, sempre aquela coisa muito mítica, quando você toma conhecimento de que esse misticismo existe, que de fato... ou seja, o lugar não é só aquele ideal que contavam, e tal. Cria-se uma certa curiosidade, vamos ver como é, qual é, então cria-se essa, não só oportunidade, claro, material de ir, e... enfim, de obter a série de benefícios, enfim, claro, que a cidadania traz, mas também o fato de conhecer essa parte mítica, que sempre a família conta, né? (Mateus, 2012).

De maneiras diferentes, ambos os entrevistados partem com expectativas de encontrar um espaço sonhado na Itália, aquele dos antepassados, acentado nas narrativas familiares, talvez no caso de Paola mais frequentes, e ansioso no processo de busca da documentação para o reconhecimento da cidadania. No caso de Mateus, no entanto, a entrada nos papéis para a obtenção da cidadania italiana aconteceu somente na península, através de muitas peripécias. Nesse ponto os dois imigrantes diferem enormemente, pois Paola partiu com todos os direitos reconhecidos e com uma bolsa da Província Autônoma de Trento para frequentar um curso universitário, enquanto Mateus não tinha ainda acesso à cidadania e se dirigiu, em um primeiro momento, ao sul da Itália, onde está residindo um parente seu.

A chegada de ambos os entrevistados aconteceu em momentos e em situações diferentes, muito embora, no momento do trabalho de campo, os dois fossem alunos da Universidade de Trento. Saindo do sul da Itália, Mateus chegou sozinho à cidade de Trento e partiu logo para procurar um trabalho. Paola, pelo contrário, chegou a Trento com o marido (tinham casado pouco tempo antes da viagem) e com uma situação econômica relativamente garantida, com o auxílio da bolsa.

O imigrante capixaba, logo nos primeiros momentos, buscou a cidade da qual partiu o seu antepassado, o que permitiu que ele entrasse em contato com uma família que possui o mesmo sobrenome que o seu e que colaboraria muito com ele no início de sua estada: emprestaram dinheiro e ajudaram-no a encontrar um emprego. Isso construiu, nesse princípio de relação com a terra de chegada, uma impressão muito positiva, mesmo que, quando de alguns problemas com o empregador, essa família tenha acabado por abandoná-lo, não ficando do seu lado no conflito.

Na fase de chegada, o encontro com esses parentes distantes foi como um porto seguro em meio a todas as transformações que ele estava vivendo. Recém-chegado, sem conhecidos, não ambientado com a realidade local, a ideia de pessoas dispostas a agirem como instrumentos para a sua integração na sociedade trentina era muito bem-vista por Mateus. A abertura oferecida pela família trentina foi um acontecimento importante no seu processo de inserção na nova vida de imigrante e de se sentir parte daquele novo ambiente:

Ele me ajudou, assim, com... aquela coisa... aquela, mesmo aquela... vamos dizer aquela insegurança inicial, tipo ‘ah, tem alguém que, de repente, pode dar uma mão, for o caso de encontrar um trabalho’. E porque de fato é difícil, sem saber nem um pouco italiano, sem uma documentação. Enfim, vamos dizer, tinha o que... tinha uma carta de identidade, um recibo de um *permesso di soggiorno*, mas que não... de fato não era nem o *permesso* em si, depois tinha toda a questão de que com o *permesso di soggiorno in attesa di cittadinanza*, não se podia trabalhar. (Mateus, 2012).

Para Paola a busca da terra de seus ancestrais é algo visceral que a acompanhava desde o momento em que ela tomou consciência do desejo de partir para a Itália, ainda em 2003. Ela reconhecia que viajar para Trento era encontrar aquele mundo da narrativa de seu avô, que falava das montanhas, da vivência do ancestral imigrante que, deixando tudo, rumou para o Brasil: “Poxa, se eu fosse para a Itália seria uma forma de eu conhecer esse passado, né, e de que tanto se falava na minha família, o crescimento pessoal também, então, assim, eu já na época... eu já pensava dessa maneira” (Paola, 2012).

Com pontos de partida e com experiências diferentes do sentimento de pertença à nova terra, e um mergulho diverso na cultura local, Paola e Mateus apresentaram olhares desiguais com relação ao espaço imigratório. Como ver-se-á logo abaixo, enquanto o imigrante capixaba percebeu muito

fortemente a sua brasilidade quando do contato com a comunidade trentina, a paranaense produziu uma leitura dual, sentindo-se parte daquela realidade, mas sendo, ao mesmo tempo, brasileira.

Em cada espaço novo que Paola conhecia, na descoberta do entorno da cidade de Trento, ela imaginava que por ali havia passado o seu tataravô, em uma praça, em uma Igreja, em um campo, ela sempre tinha em sua compreensão essa associação entre o seu presente e o passado familiar, as marcas daquela vivência. Nesse sentir-se parte da história local, no entender-se como parte daquela paisagem, ela se sentia trentina, diferente de outros imigrantes que não compreendiam e não conviviam bem com aquela realidade geográfica e cultural. Um exemplo muito emblemático utilizado por ela era o das montanhas que circundam a cidade de Trento, que normalmente criam uma sensação de sufocamento nas pessoas, porque parecem prestes a desabar sobre a cidade. Paola não se sentia asfíxiada naquele espaço, pelo contrário, se sentia adaptada, porque estava em casa, ou seja, na casa da família, pois o seu tataravô havia visto e vivido aquele local: “Digo que me adaptei ao clima, me adaptei à geografia, porque todo mundo diz ‘as montanhas aqui oprimem, te deixam depressiva’. Bom, pra mim teve um efeito completamente diferente, eu olho as montanhas e digo: ‘poxa, meu tataravô viu isso’” (Paola, 2012).

Essa sensação de pertencimento é tão viva em Paola que constrói uma dupla leitura sobre o modo de ser trentino, fechado. No primeiro momento ela está falando da diferença, do fato de ser muito aberta e de esperar, sendo comunicativa, uma reação semelhante dos seus interlocutores. Dá-se conta, todavia, que isso nem sempre acontece e são diversas as vezes em que se sente mal por causa da reação inesperada, ou seja, de fechamento. Mas, para ela, isso é justificável pelo modo de ser trentino, ou como ela mesma diz, pelo modo em que somos vistos pelo resto da Itália: “Não, não, mas sabe que pro resto da Itália a gente também é meio considerado tipo os ursos do trentino” (Paola, 2012). Nesse momento da fala, com o uso do pronome “a gente”, Paola evidencia uma parte de sua identidade, aquela trentina, que é diferente, mesmo sendo igual – ou o inverso, é a mesma, sendo diferente.

Para Mateus, em contraste com a narrativa de Paola, o estranhamento e o não pertencimento são claros no contato com a comunidade local, pois, segundo ele, os trentinos nunca vão percebê-lo como um deles, como parte do “nós”. Talvez se tenha que considerar a situação do imigrante no momento da entrevista, abandonado por aquela família que o havia acolhido e com a decepção recente (violência e injustiça) no mundo do trabalho, mas, de

qualquer forma, para ele, o ítalo-brasileiro (com ou sem a cidadania) é um estrangeiro no contato com a sociedade de acolhida:

Você nunca vai ser um deles, você nunca vai ser, por mais que você tenha cidadania, por mais que você tenha o nome deles, nunca, porque mesmo talvez a falada vai ficar um sotaque, então vão notar, vão te perguntar, a tua história não adianta, não muda. (Mateus, 2012).

O entrevistado releva ainda, na sua fala, o que ele entende como elementos que o incluiriam na sociedade local, ou que ele percebeu que são importantes enquanto instrumentos de identificação, por parte dos trentinos, como parte do nós: nome, cidadania, língua. Nesse conjunto, ele atribui ao aspecto linguístico o elemento diferenciador que coloca por terra todos os demais, pois não basta ter o mesmo sobrenome dos locais, nem o reconhecimento burocrático da cidadania, na fala se percebe a “estrangeiridade”. Ele vai além, pois não basta falar o italiano, conseguir se destrar bem com a língua, é necessário o sotaque. A alteridade é reconhecida na pronúncia das palavras, na abertura ou no fechamento fonético de um “e” ou de um “o”. A partir de então, passa-se a ser um outro.

Também Paola comenta o aspecto linguístico, mas, para ela, que cresceu com as conversas em dialeto de seu avô, essa questão se torna um elemento de cumplicidade, de integração na sociedade local. Em uma conversa, inserir um termo em dialeto ou simplesmente sorrir, demonstrando que entendeu o que foi enunciado em uma expressão dialetal cria um efeito de reconhecimento, pois o pequeno fragmento, expressão de uma raiz comum, forja o processo de identificação: “Talvez nem isso, porque também, como eu entendo muita coisa de dialeto, mesmo nas conversas, assim, que eu acabo entendendo as coisas ou no ônibus que eu dou uma risada, porque eu entendi, a pessoa já tem aquela empatia” (Paola, 2012).

De qualquer forma, também Paola não se entende somente trentina, embora reconheça muito de sua formação no contato com a população do local, como o mito do trabalho e do sacrifício como redentores. No seu entendimento, a marca identitária que a aproxima dos brasileiros e a afasta dos trentinos é atravessada pela perspectiva das relações interpessoais, por um conjunto de opostos – aberto-fechado, informal-formal, receptivo-reservado –, sendo que o primeiro adjetivo corresponde ao brasileiro e o segundo ao trentino. Nessa análise ela se percebe brasileira, porque não se

entende como parte daquela comunidade fechada (embora anteriormente tenha falado de “nós, os ursos trentinos”), mas se vê como uma pessoa comunicativa. Na verdade, é no contato com esse outro, o trentino, que ela pensava que fosse o mesmo, que a imigrante se dá conta de sua brasilidade; entende-se como aberta quando se encontra com essa comunidade fechada:

Eu sou brasileira e por me ter deparado com essa realidade, hoje, do trentino, de que eles são um pouco mais tímidos e reservados, eu disse: ‘poxa, eu não sou assim’. Então, assim, eu não sou exatamente aquela... não, não segui aquela linha de italiano ou, enfim, o que era há 150 anos atrás, eu sou brasileira, quer dizer, poxa, aos 26 anos você se dá conta de que você é brasileira [risos]. (Paola, 2012).

O processo migratório dos descendentes – como observado nos casos de Paola e Mateus – produz diferentes transformações em suas percepções identitárias, que estão vinculadas com a experiência presente, com as relações interpessoais, com as alegrias e frustrações da dinâmica de deslocamento. Mateus, em um determinado momento, relembra tempos passados quando se perguntava o porquê de não ter nascido naquela terra, em Trento; na entrevista ele responde à sua própria indagação dizendo “Graças a Deus que não nasci”. Ou seja, o tempo e as suas vivências foram alterando a sua leitura sobre os seus pertencimentos, tendo sido o processo de integração interrompido por um evento de injustiça. Paola, por outro lado, mesmo se descobrindo brasileira, não deixa de lado a sua trentinidade, no apego à memória de seu tataravô. Como diz em um momento de sua entrevista: talvez o mundo que ela buscava não estivesse ali em Trento, mas mais no interior, perdido em alguma comunidade do ambiente rural da província.

Tanto Paola como Mateus estavam buscando a terra de seus antepassados – aquela do tataravô ou a ex-mítica das narrativas do avô –, e não encontraram aquilo que buscavam, ou seja, a imagem da terra de partida construída pelos descendentes de italianos no Brasil ao longo do século XX. Aquele espaço produzido nas festas étnicas, reelaborado nas narrativas familiares, uma atualização brasileira de uma Itália do século XIX, esse espaço camponês, rural, simplório, mesmo que mágico, não é encontrado pelo descendente que “retorna”. A reação a esse desencontro pode se manifestar de maneiras diferentes, desde um estranhamento total, como aquele de Mateus (“você nunca vai ser parte da comunidade”), até uma sensação de igual-diferente,

como aquela de Paola (sentir-se em casa e imigrante ao mesmo tempo). Certamente a proximidade linguística é um dos fatores fortes que criam uma maior sensação de cumplicidade na relação da imigrante paranaense com a realidade de Trento.

Considerações finais

Por meio da pesquisa realizada entre ítalo-brasileiros documentados na Itália, o que se observa é que as políticas de reconhecimento italianas têm priorizado somente o lado jurídico da questão, deixando em segundo plano políticas de reconhecimento mais amplas na sociedade civil italiana. Muitas das entrevistas por nós analisadas apresentam sensível distância entre a cidadania documentada de direito e a possibilidade de viver e ser reconhecido como italiano (de fato) na Itália. A questão da grande emigração italiana para as Américas do final do século XIX é historicamente pouco conhecida e reconhecida, o que faz com que os italianos (da Itália) do século XXI não tenham a dimensão das complexidades humanas envolvidas nesse processo e do quanto nas Américas houve a reprodução e valorização de um mundo italiano das origens.

Enquanto os emigrados mantinham seus vínculos de identidade nos países hospedeiros, alimentando sentimentos de pertencimento e de origem, a Itália, na medida em que crescia econômica e socialmente, esquecia dos cidadãos *all'estero*. Se no final do século XIX e nas primeiras décadas do século XX houve um investimento nos italianos *all'estero*, nas décadas seguintes essa preocupação se enfraqueceu, entrando nas agendas públicas italianas somente nas últimas décadas do século XX e início do XXI. Tal distanciamento, em nossa compreensão, foi o que possibilitou experiências humanas conflitivas e permeadas pelo desrespeito, como as que foram narradas neste artigo. Não se pode esquecer, contudo, que uma identidade nacional italiana unificada é até hoje um projeto político e cultural inacabado, havendo regionalismos diversos, diferenças linguísticas, entre outras. É nesse quadro cultural complexo que os ítalo-brasileiros documentados se inserem na Itália dos séculos XX e XXI.

A questão mais importante observada em nossa pesquisa foi a riqueza dos processos interativos que possibilitam ou não a manutenção do projeto migratório. Ter ou não ter a cidadania reconhecida é algo que fica numa

dimensão menor ao chegar à Itália e perceber que, apesar de serem documentados, são tratados e percebidos como estrangeiros. De fato, ela se mostra muito mais importante quando se estava no Brasil. Neste, inclusive, seu valor simbólico é muito maior do que na própria Itália. Um dos momentos em que a documentação italiana adquire valor é nos aeroportos, quando, acionando o passaporte italiano, as fiscalizações são menores do que com o passaporte brasileiro. A mobilidade é menos vigiada e alguns dos que começam a travessia às avessas na Itália acabam por morar em outros países da comunidade europeia. Para esses ítalo-brasileiros, contudo, a Itália deveria reconhecê-los em algum grau maior de igualdade, pois é desta forma que eles se sentem ao investir no projeto migratório.

Nesse sentido, nosso objetivo, com este artigo, foi o de reivindicar um pouco da historicidade presente nas narrativas dos ítalo-brasileiros migrantes na Itália. Por meio de suas falas se pode compreender o quão ricos e complexos são os processos interativos, que extrapolam a questão dos direitos garantidos de fato. São experiências de vida que atravessam fronteiras nacionais e se colocam frente a situações de convívio e de reconhecimento marcadas por constrangimentos e referências culturais em contraste. Como ressalta Vertovec (2011), as culturas políticas envolvidas nos processos migratórios deveriam ser mais estudadas devido à constante inclusão dos migrantes como “ameaças” culturais. Nosso artigo procura apontar que esse ideário do perigo não se dirige somente ao culturalmente distante, mas também àquele que se considera ou poderia estar mais próximo, como o descendente de italianos que possui a dupla cidadania reconhecida e partilha de uma origem comum que tem a Itália como comunidade imaginada.

Referências

ANDERSON, Benedict. Problemas dos nacionalismos contemporâneos. *Tensões Mundiais*, Fortaleza, v.1, n.1, p.16-26, jul./dez. 2005.

ASSIS, Gláucia de O. *De Criciúma para o mundo: rearranjos familiares e de gênero nas vivências dos novos migrantes brasileiros*. Florianópolis: Editora Mulheres, 2011b.

_____. Entre dois lugares: as experiências afetivas de mulheres imigrantes brasileiras nos Estados Unidos. In: PISCITELLI, Adriana; ASSIS, Gláucia de O.; OLIVAR, José Miguel (Org.). *Gênero, sexo, amor e dinheiro: mobilidades transnacionais envolvendo o Brasil*. Campinas: Pagu/Unicamp, 2011b. p. 385-435.

_____. Estar aqui... estar lá: uma cartografia da emigração valadarense para os Estados Unidos. In: REIS, R. R.; SALES, T. (Org.). *Cenas do Brasil migrante*. São Paulo: Boitempo, 1999. p. 125-166.

BALIBAR, Etienne. *We, the people of Europe: reflections on the transnational citizenship*. Princeton: Princeton University Press, 2004.

BALIBAR, Etienne; WALLERSTEIN, Immanuel. *Race, nation, class: ambiguous identities*. New York: Verso, 1991.

BENEDUZI, Luis Fernando. Narrativas de uma imigração esquecida: imagens, escolhas e percursos da imigração de mulheres brasileiras na Itália. *História Oral*, São Paulo, v. 12, n. 1-2, p. 225-248, jan./dez. 2009.

BLANC, Linda; GLICK-SCHILLER, Nina; SZANTON, Cristina. Transnationalism, nation-states, and culture. *Current Anthropology*, Chicago, v. 36, n. 4, p. 683-686, ago./out. 1995. Disponível em: <<http://www.jstor.org/stable/2744260>>. Acesso em: 8 ago. 2011.

BÓGUS, Lucia; BASSANEZI, Maria Silvia. Do Brasil para a Europa: imigrantes brasileiros na península itálica neste final de século. In: SERVIÇO PASTORAL DOS MIGRANTES et al. (Org.). *O fenômeno migratório no limiar do terceiro milênio: desafios pastorais*. Petrópolis: Vozes, 1998. p. 68-92.

BOURDIEU, Pierre. *O poder simbólico*. 2. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1998.

BRZOZOWSKI, Jan. Migração internacional e desenvolvimento econômico. *Estudos Avançados*, São Paulo, v. 26, n. 75, p.137-157, 2012.

CAMPOS, Emerson. *Territórios deslizantes: miscelâneas e exposições na cidade contemporânea: Criciúma (1980-2002)*. 235 p. Tese (Doutorado em História) – UFSC, Florianópolis, SC, 2003. Disponível em: <<https://repositorio.ufsc.br/bitstream/handle/123456789/85311/199015.pdf?sequence=1>>. Acesso em: 24 jul. 2015.

CARDOSO DE OLIVEIRA, Roberto. Identidade étnica e a moral do reconhecimento. In: _____. *Caminhos da identidade*. São Paulo: Editora Unesp; Brasília: Paralelo 15, 2006. p. 19-58.

CARVALHO, J. A. M. de.; CAMPOS, M. B. de. A variação do saldo migratório internacional do Brasil. *Estudos Avançados*, São Paulo, v. 20, n. 57, p. 55-58, maio/ago. 2006.

ELIAS, Norbert; SCOTSON, John L. Introdução. In: _____. *Os estabelecidos e os outsiders*. Rio de Janeiro: Zahar, 2000. p. 7-50.

FEATHERSTONE, Mike. *Cultura de consumo e pós-modernismo*. São Paulo: Studio Nobel, 1995.

GLICK-SCHILLER, Nina. Transmigrants and nation-states: something old and something new in the U.S. immigrant experience. In: HIRSCHMAN, C.; KASINITZ, P.; DEWIND, J. (Ed.). *The handbook of international migration: the American experience*. New York: Russell Sage Foundation, 1999. p. 94-119.

GLICK-SCHILLER, N.; BASCH, L.; BLANC SZANTON, C. Transnationalism: a new analytic framework for understanding migration In: GLICK-SCHILLER, N.; BASCH, L.; BLANC-SZANTON, C. (Org.). *Towards a transnational perspective on migration: race, class, ethnicity, and nationalism reconsidered*. New York: Annals of the New York Academy of Sciences, 1992. p. 1-24.

KEARNEY, Michael. The local and the global: the anthropology of globalization and transnationalism. *Annual Review of Anthropology*, Palo Alto, v. 24, p. 547-565, 1995.

LAZZARI, Francesco. *L'altra faccia della cittadinanza: contributi alla sociologia dei processi migratori*. Milano: Franco Angeli, 1994.

ONG, Aihwa. *Flexible citizenship: the cultural logics of transnationality*. Durham: Duke University Press, 1999.

PADILLA, Beatriz. A imigrante brasileira em Portugal: considerando o gênero na análise. In: MALHEIROS, Jorge (Org.). *A imigração brasileira em Portugal*. Lisboa: Coleção Comunidades, 2007. p. 113-134.

PATARRA, Neide Lopes. Migrações internacionais: teorias, políticas e movimentos sociais. *Estudos Avançados*, São Paulo, v. 20, n.57, p. 7-24, 2006.

PISCITELLI, Adriana; ASSIS, Gláucia de O.; OLIVAR, José Miguel (Org.). *Gênero, sexo, amor e dinheiro: mobilidades transnacionais envolvendo o Brasil*. Campinas: Pagu/Unicamp, 2011.

PORTES, Alejandro. Introduction: the debates and significance of immigrant transnationalism. *Global Networks*, Southborough, v. 1, n. 3, p. 181-194, 2001. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.1111/1471-0374.00012>>. Acesso em: 22 jul. 2015.

REIS, Rossana Rocha. Soberania, direitos humanos e migrações internacionais. In: _____. *Políticas de imigração na França e nos Estados Unidos (1980-1998)*. São Paulo: Aderaldo & Rothschild, 2007. p. 23-56.

ROLPH-TROUILLOT, Michel. The anthropology of the state in the age of globalization: close encounters of the deceptive kind. *Current Anthropology*, Chicago, v. 42, n. 1, p. 125-138, fev. 2001. Disponível em: <<http://www.jstor.org/stable/10.1086/318437>>. Acesso em: 22 jul. 2015.

SAYAD, Abdelmalek. O retorno: elemento constitutivo da condição do imigrante. *Travessia*, São Paulo, v. 13, n. esp., p.1-34, 2000.

SIQUEIRA, Sueli. *Sonhos, sucesso e frustrações na emigração de retorno: Brasil/Estados Unidos*. Belo Horizonte: Argymentvm, 2009. 188 p.

THOMSON, Alistair. Histórias (co)movedoras: história oral e estudos de migração. *Revista Brasileira de História*, São Paulo, v. 22, n. 44, p. 341-164, 2002.

TOGNI, Paula. Que brasileiras/os Portugal produz? Representações sobre gênero, amor e sexo. In: PISCITELLI, Adriana; ASSIS, Gláucia de O.; OLIVAR, José Miguel (Org.). *Gênero, sexo, amor e dinheiro: mobilidades transnacionais envolvendo o Brasil*. Campinas: Pagu/Unicamp, 2011. p. 385-435.

VERTOVEC, Steven. The cultural politics of nation and migration. *Annual Review of Anthropology*, Palo Alto, n. 40, p. 241-256, 2011.

ZANINI, Maria Catarina. *Italianidade no Brasil meridional: a construção da identidade étnica na região de Santa Maria-RS*. Santa Maria: Editora UFSM, 2006.

ZINCONI, Giovanna (Org.). *Familismo legale: come (non) diventare italiani*. Roma; Bari: Laterza, 2006.

ZINCONI, Giovanna; BASILI, Marzia. *Country report: Italy*. Report on Italy. Fiesole: Eudo Citizenship Observatory, 2013. Disponível em: <http://www.eudo-citizenship.eu/images/docs/Italy_Citizenship_Report_update_2013%20AMENDED.pdf>. Acesso em: 25 jul. 2015.

Fontes orais

ANA [41 anos]. [2014]. Entrevistadoras: Maria Catarina Zanini e Gláucia de Oliveira Assis. fev.2014.

CARLA [34 anos, residente no Vêneto]. [2012]. Entrevistador: Luis Fernando Beneduzi. 2012.

GIULIA [37 anos, residente em cidade próxima a Milão]. [2014]. Entrevistadoras: Gláucia de Oliveira Assis e Maria Catarina Zanini. fev. 2014.

MARIA DE FÁTIMA [58 anos]. [dez. 2011]. Entrevistadora: Gláucia de Oliveira Assis. Urussanga, dez. 2011.

LEONARDO [40 anos, residente na Toscana]. [2013]. Entrevistadora: Maria Catarina Zanini. 2013.

LUCIO [45 anos, residente no Vêneto]. [2012]. Entrevistador: Luis Fernando Beneduzi. Vêneto, 2012.

MATEUS [25 anos, residente no Trentino Alto Adige]. [2012]. Entrevistador: Luis Fernando Beneduzi. 2012.

PAOLA [27 anos, residente no Trentino Alto Adige]. [2012]. Entrevistador: Luis Fernando Beneduzi. 2012.

_____. [2014]. Entrevistadoras: Gláucia de Oliveira Assis e Maria Catarina Zanini. fev. 2014.

Resumo: Neste início de século XXI milhares de descendentes de imigrantes que chegaram ao Brasil no final do século XIX vivenciam a experiência de busca de migrar para a Europa. Esse processo é vivenciado e narrado, muitas vezes, como um “retorno” à terra de seus *nonnos* e *nonnas* e, ao mesmo tempo, significa uma possibilidade de ir para o mundo, cruzar fronteiras, viver no estrangeiro. Os dados foram obtidos por meio de pesquisa etnográfica realizada na Itália nos anos de 2012 e 2014. Esses imigrantes têm a cidadania italiana reconhecida pelo Estado italiano e são classificados como italianos residentes *all'estero* (no exterior) – IRE, o que possibilita que tais cidadãos façam parte da comunidade italiana (e europeia). As narrativas de homens e mulheres que emigram para trabalhar e/ou estudar revelam os desencontros entre a cidadania de direito e o cotidiano de preconceito e discriminação vivenciados na Itália.

Palavras-chave: emigrantes brasileiros, cidadania, etnicidade, Brasil-Itália, gênero.

De jure citizens, de facto foreigners: narrative of Italian-Brazilians in Italy

Abstract: In this beginning of the 21st century, thousands of immigrants' descendants who came to Brazil at the end of the 19th century lived the experience of migrating to Europe. This process is experienced and told, many times, as a “return” to the land of their *nonnos* and *nonnas*; at the same time, it is a possibility to go out into the world, cross borders and live abroad. The data were collected from oral reports and ethnographic research conducted in Italy in 2012 and 2014. These immigrants have the Italian citizenship recognized by the Italian government and are categorized as Italians living abroad (*all'estero*) – IRE, what enables them to be part of the Italian (and European) community. Men and women who emigrated to work/study tell about the confrontation between the de jure citizenship and the routine of prejudice and discrimination that they have to deal with in Italy.

Keywords: Brazilian emigrants, citizenship, ethnicity, Brazil-Italy, gender.

Recebido em 17/04/2015

Aprovado em 09/06/2015